

Gerd Kohlhepp

A indústria sulbrasileira na fase da globalização: o caso do desenvolvimento económico regional no Nordeste de Santa Catarina

Introdução

Desde meados dos anos 1950, a industrialização no Brasil apoiou-se fortemente, em sua fase principal, em investimentos de empresas estrangeiras e multinacionais, na importação de equipamentos mecânicos e, no início, da disponibilidade temporária de técnicos e gerentes estrangeiros altamente qualificados, bem como na implementação da estrutura de filiais de grandes empresas internacionais.

Em contrapartida, desenvolveu-se desde a segunda metade do século XIX indústria de pequeno e médio porte nas regiões do sul do Brasil, com presença predominante de imigrantes europeus. Artesãos e técnicos e pequenos gerentes criaram a base inicial para o desenvolvimento industrial em uma região que não tinha muito a oferecer em matérias primas – excepto madeira - e situada longe dos principais mercados. Primeiramente foram satisfeitas as necessidades regionais com produtos industriais de maior urgência.

Esta indústria em Santa Catarina (vide Fig. 1), que, depois de impressionante desenvolvimento, ocupa hoje lugar de destaque no Brasil, originou-se de iniciativas locais e do espírito empreendedor dos imigrantes alemães e italianos e seus descendentes, contando com os pequenos capitais de seus fundadores e de seus empregados de confiança. Isto contribuiu para a solidez e o crescimento contínuo da indústria regional.

Até o início dos anos 1960, o capital estrangeiro teve participação no desenvolvimento industrial catarinense somente em casos excepcionais e isso devido à localização geográfica de Santa Catarina, distante dos grandes centros, com transporte deficiente e também devido aos deficits no fornecimento de energia. Esta situação desenvolveu-se positivamente na década de 70. A partir dos anos 80 e 90 a situação do capital industrial mudou em alguns ramos da indústria, mas a grande transferência de capital ou, até mesmo o grande número de novas fundações, por ventura filiais de empresas multinacionais, não tiveram lugar em Santa Catarina. Assim, a indústria alemã no Brasil com empresas de grande porte, esteve muito presente em São Paulo, embora o mesmo não tenha acontecido no nordeste do Estado de Santa Catarina, fortemente marcado pela iniciativa local dos imigrantes alemães e hoje, de seus descendentes brasileiros.

Nos anos 90, embora a indústria catarinense tenha sido atingida pelas consequências da abertura de mercado e pela globalização, ela conseguiu preservar, em grande parte, no nordeste do Estado, a sua identidade regional.

Para melhor compreensão do conceito de identidade regional, devemos primeiro observar o desenvolvimento da colonização na região. Para tanto são estabelecidos critérios de identidade que dizem respeito à população europeia estabelecida na área no século XIX - primeiramente a alemã que, a partir de 1824 colonizou grande parte do Sul do Brasil e que, de 1850 em diante, veio povoar o

nordeste de Santa Catarina, mais precisamente a hinterlândia do litoral, já povoado por açorianos e madeirenses.

A imigração alemã no Sul do Brasil foi concebida pelo Imperador D. Pedro II – filho de Leopoldine von Habsburg (Dona Leopoldina), filha do Imperador da Áustria, que casou com o primeiro imperador brasileiro D. Pedro I - como projeto moderno de apoio à independência política do Brasil. De acordo com esse projeto foi realizado um novo modelo de desenvolvimento baseado em pequenas propriedades, na força de trabalho familiar, na policultura agrícola direcionada ao abastecimento do mercado interno, no fomento à acumulação de capital regional e no estímulo às decisões comunitárias.

Depois de dificuldades na fase inicial – discórdias entre o governo central e as oligarquias rurais tradicionais pela disputa de terra e sua concessão a pequenos proprietários – a responsabilidade pelos assuntos imigratórios, de acordo com a Lei da Terra de 1850, foi transferida aos governos provinciais e a companhias particulares de colonização. Ao contrário das regiões tropicais de plantações para a exportação de produtos agrícolas, foi propagada a imigração de colonos alemães e, a partir de 1875, a de italianos para o Sul do Brasil, aonde procuravam "terra e liberdade". Santa Catarina foi líder nesta segunda fase da colonização alemã.

Na terceira fase, a partir de 1880, chegaram no Brasil tecelões alemães, imigrantes de regiões urbanas da Turíngia, da Saxônia, de Baden que fundaram as primeiras fábricas têxteis em Blumenau, Joinville e Brusque (Hering 1987), valendo-se das pequenas poupanças já acumuladas e localmente procedentes do excedente da policultura e de sua comercialização. Os imigrantes europeus traziam consigo uma base sócio-cultural que na Europa, tradicionalmente, tinha suas raízes no trabalho disciplinado das corporações de ofício. Entre as duas guerras mundiais, a política de substituição das importações fez a produção industrial brasileira alcançar o auge, incluindo nesse movimento a indústria têxtil de Santa Catarina.

Neste contexto deve ser mencionado que os esforços para a melhoria técnica estavam fortemente ligados à concepção e moral de trabalho e à mentalidade – deixando margem à afirmação de que no nordeste de Santa Catarina a identidade regional está relacionada com a "cultura fabril" e a maneira de viver a ela associada.

As tendências uniformizantes da globalização contrastam com os desenvolvimentos regionais específicos nos quais as tradições históricas, a paisagem e peculiaridades culturais marcam de maneira bem diferenciada os estilos de vida e as estratégias dos atores locais. Os envolvidos vêem-se em um contexto de sentido regional e local que, através de vivências e atos cotidianos conjuntos, une subjetiva e emocionalmente todas as partes da comunidade contrastando com os contatos de interesse, racionais e impessoais, que caracterizam as relações dentro do mundo globalizado atual. Para que exista um sentimento afim num determinado grupo, esse grupo deve ter consciência das origens, tradição, cultura, ambiente que os une, bem como dos seus objetivos e problemas em comum desenvolvendo assim um sentimento de comunidade.

É portanto, na interrelação entre o global e o regional, entre o econômico e o cultural que devem ser analisadas as tendências das relações no mundo atual. O processo de regionalização ao invés de aniquilado pelos tentáculos da globalização em

curso, tem suas características mais específicas valorizadas, conduzindo a uma percepção que desperta a consciência e, conseqüentemente, faz nascer a identidade regional.

O comportamento diário das pessoas, as formas de socialização, de educação e de trabalho formam um ambiente local ou regional que se diferencia de outras regiões. A auto-descrição de afinidade dos atores é o critério decisivo na identidade de grupo. A crise da indústria e a abertura do mercado brasileiro no início dos anos 90 foi o ponto de partida para a revalorização da conscientização e a percepção de uma identidade regional específica. Essa crise exigiu análise da situação regional e, como resposta aos desafios da globalização, uma reestruturação industrial – mas também uma estratégia especificamente regional para superar problemas e garantir o futuro industrial da região.

Condições de localização e a atual estrutura industrial no nordeste de Santa Catarina

Embora Santa Catarina seja um dos menores Estados brasileiros, com 95.500 km², com 6,0 milhões de habitantes em 2005 (= 3,2 % do Brasil), pode ser atribuída a este Estado uma grande significância industrial. Quanto ao número de empresas e empregados da indústria, Santa Catarina ocupa o quarto lugar no Brasil. No ano de 2004 havia 478.000 empregados na indústria de transformação. À frente de Santa Catarina e Paraná, cada com 8,2% de participação nos 5,8 milhões de empregados industriais do Brasil, estão somente São Paulo com 2,07 milhões de empregados com participação de 35,5%, Rio Grande do Sul (10,6%) e Minas Gerais (10,2%).

Muitos ramos industriais do nordeste de Santa Catarina desempenham papel importante no Brasil. De acordo com o valor de transformação no ano de 2004, foram alcançadas altas quotas nos ramos industriais dentro da produção geral do país: motores elétricos, geradores, transformadores 37,7%, vestuário 24,4%, electrodomésticos (geladeiras, congeladores) 23,5%, produtos de fundição 22,7%, têxteis 15,7%, móveis 13,5% (FIESC 2006).

A indústria em Santa Catarina concentra grande parte de estabelecimentos de médio e pequeno porte, mas apresenta também algumas empresas de grande porte, de renome e conceito internacional. Somente 30% de todos os empregados da indústria catarinense trabalham em empresas de grande porte. Com alta diversificação e *clusters* importantes, como, por exemplo, nos têxteis, vestuário e móveis, a indústria de Santa Catarina se distingue não somente pela posição pioneira em alguns ramos, mas também pelo alto nível de qualidade da produção ostentando lugar de destaque no Brasil, o que se reflete na exportação.

Isto se enquadra principalmente no nordeste catarinense, que ultrapassa sensivelmente as outras regiões no que se refere à concentração de empresas de pequeno, médio e grande porte. No desenvolvimento industrial regional destacam-se as regiões de imigração povoadas desde meados do séc. XIX por alemães, italianos e seus descendentes brasileiros.

No início dos anos 60, o desenvolvimento industrial desta região, comparado a de outros Estados brasileiros, já era intraregionalmente muito diversificado (Kohlhepp 1968). Destacavam-se em 1961 a indústria têxtil e do vestuário, a indústria de móveis

e madeira e de produtos metalúrgicos. Até 2004 deu-se impressionante concentração de indústrias e um aumento considerável do número de empregados na indústria, sendo que este último aumentou mais de 6 vezes nas últimas quatro décadas (vide tab. 1). Mantiveram-se os ramos industriais de têxteis, vestuário e de metais. A indústria madeireira, sobretudo as serrarias, diminuíram muito devido à forte destruição de florestas. No entanto, o ramo de máquinas, motores e material de transporte ocupa hoje o segundo lugar.

As microrregiões do Vale do Itajaí - abrangendo Blumenau, Brusque, Rio do Sul, Ituporanga e Itajaí, assim como Joinville - com Jaraguá do Sul - e o planalto de São Bento do Sul, empregam mais que 55% dos empregados de toda Santa Catarina (vide tab. 2). Joinville, Blumenau, Jaraguá do Sul e Brusque são centros urbanos dinâmicos, sendo que a indústria absorve entre 40% e 60% da população economicamente ativa (região nordeste de Santa Catarina: 52,6 %) (vide Fig.1).

Os grandes centros regionais de Joinville (2005: 487.000 habitantes) e Blumenau (2006: 279.000 hab.) apresentam hoje, paralelamente à significativa concentração industrial, um crescente aumento do setor de prestação de serviços. Nas cidades de médio porte como Jaraguá do Sul e Brusque e nas pequenas como Timbó, Indaial e Pomerode há entre 60 e 70% dos empregados na indústria. Com 239.000 empregados (estabelecimentos com cinco ou mais empregados), a região do nordeste de Santa Catarina ainda ocuparia o sétimo lugar quanto ao número de empregos na indústria dos Estados brasileiros.

Ao contrário das capitais dos demais Estados brasileiros, Florianópolis, a capital de Santa Catarina, tem pouco significado industrial - exceto o setor de software - e, em número de habitantes está atrás de Joinville, que é a maior cidade do Estado.

Mesmo com as mudanças nas condições básicas no âmbito da estrutura industrial, a nível nacional e global, o nordeste de Santa Catarina mostrou continuidade e preservação da identidade regional nas formas empresariais, industriais e nos processos de produção, bem como na avaliação dos fatores de localização. Entre a população regional, especialmente entre os descendentes de imigrantes alemães e italianos, existe a busca de uma identidade específica construída sobre fatores sócio-culturais inerentes ao desenvolvimento econômico local e identificados como autoconfiança, espírito empreendedor, persistência de um certo conservadorismo, alta moral de trabalho e forte consciência regional que, em termos de Brasil, se baseia em estrutura social privilegiada.

Até os anos 60, o nordeste de Santa Catarina estava relativamente isolado no espaço econômico brasileiro devido à situação dos transportes principalmente. Na fase de substituição das importações, a produção dependia quase que exclusivamente da acumulação e existência de capital local e regional, as empresas industriais mostrando pouco entrelaçamento entre si. Mas, há muito tempo foi criado o perfil de qualidade da indústria de Santa Catarina: a marca "Blumenau" por exemplo, apesar da infraestrutura geral deficiente das escolas de segundo grau e da falta de universidades nesse período, podendo ser mantida devido à aprendizagem bem fundamentada nos estabelecimentos industriais, aos conhecimentos e experiência dos técnicos imigrantes e ao aperfeiçoamento dos métodos de produção tradicionais (Kohlhepp 1968, 1971).

A liberalização dos mercados no início dos anos 90, se de um lado trouxe a

influência da globalização com investimentos estrangeiros diretos e facilidades na importação, de outro, provocou e, pela primeira vez, a pressão da concorrência internacional de países com salários baixos como a China e a Índia. Disso resultou grande perda de empregos na indústria regional. Paralelamente surgiram novas diretrizes de produção direcionadas aos desafios globais (*design*, grifes, etc), como também a necessidade do entrelaçamento empresarial com vistas à formação de *clusters*.

Mesmo assim, o perfil industrial regional permaneceu. A maioria das empresas ainda pertence às famílias dos fundadores, mas sob direção de gerentes locais e regionais. A participação de capital estrangeiro e de filiais ainda é excessão. Não há empresas estatais na indústria de transformação. Devido à origem étnica dos empresários, os negócios com a Alemanha e a Itália foram intensificados, embora a instrução e o aperfeiçoamento das gerações seguintes de dirigentes não mais seja na Europa como antigamente, e o mercado europeu apresente muitos obstáculos para os produtos brasileiros.

A identidade regional é reforçada em parte e indiretamente, de fora no que se refere à migração de especialistas, abertos à integração e oriundos das metrópoles, sobretudo de São Paulo. Com isso surgiu uma crescente mobilidade de mão de obra qualificada das metrópoles às cidades dinâmicas de médio porte, com melhor qualidade de vida, melhor ambiente social e menos problemas de segurança. Acrescente-se ainda que recentemente algumas empresas de médio porte, alemãs e italianas passaram a ver novas perspectivas de investimento e de produção na região, fazendo uso das vantagens da globalização sob o ponto de vista europeu, mas, no caso também, como vantagem para os centros industriais regionais e seu mercado de trabalho.

O tamanho relativamente pequeno das cidades industriais, sobretudo no Médio Vale do Itajaí e no Vale do Itapocú, favorece a existência de empregados industriais com vínculo muito estreito com o lugar. Os empregados de hoje não mais são os típicos e tradicionais operários-colonos, com a significância que estes tiveram nos anos 60 (Kohlhepp 1968). Mesmo assim, eles mantem forte ligação com o seu meio ambiente e gozam de condição privilegiada em relação às grandes metrópoles e outras regiões do Brasil devido a boa qualidade de moradia, abastecimento próprio de alimentos, proximidade ao trabalho, assistência de saúde e serviços sociais das empresas.

A forte integração numa vida de comunidade orientada de acordo com as tradições locais, principalmente nos vilarejos e pequenas cidades próximas aos centros industriais promovem o espírito comunitário do qual a filiação a clubes recreativos é o exemplo mais comum. Paralelamente a esta situação, existe ainda o modelo de comportamento patriarcal dos empresários nas empresas familiares das pequenas cidades de Santa Catarina, onde os dirigentes mantêm contato cordial e informal com os funcionários.

Aliás, é de se observar a mudança nas regras de sucessão nos estabelecimentos de grande e médio porte. Nas empresas mais prósperas não são mais familiares que automaticamente ocupam as funções de dirigentes. As empresas, por necessidade, mostram interesse em angariar pessoal altamente qualificado, especializado e com

experiência que é recrutado de fora. Há felizes exceções onde filhos e netos dos fundadores das empresas ou outros membros das famílias assumem a função de responsabilidade. Nos estabelecimentos fundados na primeira metade do séc. XX, a geração de herdeiros, na maioria dos casos, estudou na Alemanha. Depois da Segunda Guerra Mundial, devido à quebra de contacto com a Europa e por falta de conhecimentos do idioma, os jovens passaram a estudar nos EUA. Em muitos casos, a nova geração tem estudado e se aperfeiçoado no Brasil, principalmente em São Paulo.

Consequências da globalização: o exemplo da indústria têxtil e do vestuário

A globalização causou efeitos gravíssimos para a indústria têxtil e de vestuário. Entre 1990 e 1999, a indústria têxtil brasileira perdeu mais que 295.000 empregos, isto é, 54% dos empregos totais neste sector (Siebert 2006). Primeiramente por motivos de concorrência internacional foi importado moderno equipamento e máquinas, o que causou forte racionalização no mercado de trabalho. As estruturas empresariais foram então reduzidas, sobretudo fiações e tecelagens que tiveram que fechar. Devido à concorrência com os produtos vindos de países asiáticos, que produzem 40 até 70 % mais barato, muitos empregados foram demitidos e setores de produção terceirizados. Em meados dos anos 90 surgiram, pela primeira vez, grandes problemas na exportação devido à sobrevalorização do Real, um fato que se repete nos primeiros anos do séc. XXI.

A alta vulnerabilidade dos setores têxtil e de vestuário causou, sobretudo na região do Vale do Itajaí, uma crise existencial e um choque duradouro na autoconfiança desse ramo regional específico. Com a pressão da concorrência foram feitas algumas tentativas, infelizmente não bem sucedidas, de implementar filiais em regiões brasileiras de baixos salários como no Nordeste. Apesar de subvenções estatais (por exemplo, pela SUDENE), não foi alcançada alternativa para a concorrência globalizada devido à falta de tradição industrial, falta de pessoal qualificado e infraestruturas deficientes naquela região.

Desde o início dos anos 70, grandes empresas tiveram sucesso em suas tentativas de transferir setores da produção, principalmente o da costura, para aproveitar a mão de obra mais barata, principalmente de mulheres jovens, para a região rural mais próxima. Esta foi uma boa chance para os municípios do *hinterland* de Blumenau de enquadrar mulheres no processo de trabalho industrial sem romper imediatamente com a tradição agrícola, usufruindo da situação social relativamente estável.

Iniciou-se então a terceirização com crescente deslocamento de processos de acabamento, por exemplo, da costura, para inúmeras mini-empresas pertencentes, na maior parte, a antigos empregados. Esses mini-estabelecimentos foram criados em galpões, à sombra das antigas empresas empregadoras, com disponibilidade de algumas das suas máquinas de costura, assumindo até 60% dos trabalhos necessários na confecção. Com isso, as empresas não só aproveitavam o conhecimento dos antigos empregados quanto às exigências de qualidade na produção, mas, não tinham mais que demitir pessoal e pagar os encargos sociais correspondentes, passando para os faccionistas - que então trabalhavam sob condições mais flexíveis, muitas vezes até sob a forma de trabalho informal para evitar os altos impostos - as oscilações das

vendas na baixa estação.

Tendo em vista os problemas no setor de vendas das grandes empresas, a contratação de faccionistas mostrou certa segurança para o mercado de trabalho por causa da flexibilidade na prestação de serviços, sobretudo para a mão de obra feminina. Em muitos casos foi adotada a sub-contratação de costureiras, que costuram em casa para as fábricas. No caso de demissão e, como indenização, essas costureiras podem comprar a máquina de costura de uma das grandes empresas valendo-se do fundo de garantia (Siebert 2006). Entretanto, a crescente sub-contratação leva à informalidade e com isso ao enfraquecimento da situação empregatícia do setor formal. Da falta de seguro social surgem a insegurança e a vulnerabilidade social.

Em consequência do desenvolvimento econômico no Vale do Itajaí, da crescente falta de mão de obra barata no setor da costura e de salários relativamente altos nas cidades de Santa Catarina, algumas empresas de grande porte têm transferido esse setor para outras regiões fora do Estado, a fim de reduzir os custos de produção. Nesse *outsourcing* os serviços são, em grande parte, terceirizados. Este é o caso atual, com estabelecimentos catarinenses sendo transferidos para Goiás e o Rio Grande do Norte.

Assim, a Cia. Hering, uma das empresas de maior renome na América Latina no setor do vestuário, tem hoje somente 56% dos empregados trabalhando nos setores mais importantes em sua matriz de Blumenau, onde se realiza apenas 60% do volume de vendas. Enquanto as filiais da empresa em Indaial, Rodeio e Ibirama produzem para o mercado nacional e internacional, as filiais de Goiás produzem somente para o mercado nacional. Em Natal, no nordeste brasileiro, a produção é feita a base de *outsourcing* com terceirização de etapas de trabalho como corte, lavagem e acabamento.

Na região do nordeste catarinense, a verticalização no processo de produção foi durante muito tempo uma necessidade com vistas às pretensões de autonomia. A cooperação vertical não foi realmente necessária para as grandes empresas, pois estas estavam total e verticalmente integradas (Meyer-Stamer 1996, 2003). Também a cooperação horizontal não foi necessária, pois o mercado brasileiro estava protegido até o início dos anos 90 e, sob essas condições, a produção a nível nacional era bem sucedida e, a exportação, então subvencionada, funcionava bem. Muito pelo contrário, várias empresas tentaram proteger-se contra a concorrência local e regional ocultando detalhes específicos de produção. Hoje em dia, a desverticalização e a especialização da produção, obedecendo à demanda dos clientes e às tendências da moda no ramo do vestuário, substituiu o grande espectro das linhas tradicionais da produção em muitas empresas de grande porte. Desde um passado recente, o SENAI e as universidades dos municípios com indústrias de vestuário oferecem cursos de moda.

No Médio Vale do Itajaí, tradicionalmente, existe uma forte formação de *cluster* no ramo da indústria têxtil e de vestuário. Entretanto, essa concentração especificamente local não contribuiu para a melhoria das atividades de cooperação entre as empresas do mesmo ramo. Com fusões para o fortalecimento da estrutura de oferta e para a diminuição dos altos custos de administração, a indústria típica da região (malhas, vestuário de lazer, atalhados, roupa de cama, mesa, banho etc) terá que seguir os desafios da globalização para se manter no mercado. O primeiro passo

para tal foi dado em 2004 quando, por iniciativa de diversas empresas de Blumenau, Jaraguá do Sul, Brusque, Crisciuma etc., foi criada a organização "Santa Catarina Moda Contemporânea", que tem o objetivo de, dentro do *cluster* do vestuário, promover a oportunidade de troca de informações e uso de estratégias comuns para a produção de artigos de moda.

Muitas vezes o que se observa dentro do que poderia significar benefícios mútuos para as empresas regionais, é escassa e má experiência, devido à defesa de interesses próprios das famílias empresariais tradicionais, às vezes com problemas de sucessão na chefia, bem como pela sua reserva quanto à abertura da situação da empresa perante as possibilidades de cooperação. Através de contatos entre os empresários e sua responsabilidade comum em projetos de infra-estrutura (por exemplo, a estação de tratamento de águas para a indústria têxtil e de vestuário), prestação de serviços privados, comunais e/ou pelo Estado seria possível conseguir um efeito de sinergia que levaria a uma maior possibilidade de reação a desafios globais e, conseqüentemente, a uma maior capacidade de concorrência internacional.

Ligado a este aspecto estão os recentes esforços feitos em Blumenau para a criação de área para a realização de feiras (Parque Vila Germânica) que, diante da concorrência internacional, poderá atingir um bom *marketing* de produtos neste tipo de evento. As câmaras de indústria e comércio da região intensificaram suas atividades e tentam, junto às administrações comunitárias, solucionar os problemas do uso e do planejamento de áreas para o assentamento de novas indústrias, projetos de infra-estrutura em meio ambiente, em conjunto com instituições estatais e melhorar a educação profissionalizante. A cooperação entre a indústria e as universidades deixa ainda a desejar. Para isso contribuem algumas universidades, preocupadas demasiadamente com sua vida política interna e deixando a desejar na cooperação com a indústria. Há carência, por exemplo, na oferta de cursos especializados para técnicos do ramo têxtil.

Aliás, há fundações de novas universidades privadas em centros de médio porte que são extremamente ativas, contando com grande número de estudantes procedentes das mais diferentes áreas em seus cursos noturnos. Com a oferta de cursos especializados, essas universidades satisfazem a demanda prática da indústria local e regional, sem levar a pesquisa em consideração. A qualidade das escolas superiores especializadas está sintonizada com as necessidades industriais e o corpo docente muitas vezes dispõe de experiência prática oriunda de atividades precedentes em empresas.

Concentração da localização da indústria e perfil regional da indústria no nordeste de Santa Catarina

Na disposição espacial dos centros industriais tem sido mantido, há décadas, o modelo original de concentração específica dos ramos industriais e *clusters*, mas, no que se refere à estrutura espacial, surgiram processos diferenciados de mudança, bem como na dinâmica do seu crescimento.

No município de **Blumenau** existe - apesar do deslocamento de ramos da produção, das tendências de *outsourcing*, terceirização e diminuição de empregos - uma dependência muito forte da indústria têxtil e do vestuário, que detém 64,9% dos

empregos industriais totais. Devido à topografia, à pequena área do município e à falta de áreas para o assentamento industrial, a construção de prédios para fins industriais requer trabalhos abrangentes de remoção de terra. Acrescenta-se a isto o constante perigo de inundações que trazem sérios danos ao município. Como conseqüência ocorreu um processo de descentralização em favorecimento aos municípios vizinhos e adjacências, entre outros, Indaial, Pomerode, Timbó, Gaspar que já contavam com o deslocamento de trabalhos intensivos de acabamento (costura) das grandes indústrias têxteis e de vestuário.

Após forte redução de empregos, sobretudo na indústria têxtil e de vestuário, o número total de empregados na indústria alcançou somente em 2004 outra vez o nível que já teve em 1995. Desde início de 2005 até julho de 2006 o número de empregados na indústria de Blumenau aumentou de cerca de 6.000 a 42.360 (Prefeitura 2006), apresentando um fortalecimento do setor de *software* e diversificação industrial em escala crescente. Graças à indústria têxtil e de vestuário, 44% dos empregados na indústria são mulheres.

Entre 1995 e 2004 o número de indústrias aumentou em 62,5%, principalmente no já mencionado setor de confecções. Neste ramo houve uma proliferação das micro e pequenas empresas e, em Blumenau, em 2004, foram registradas 480 pequenas empresas com menos de 20 empregados. Entretanto, na última década tem diminuído o número de empregados no setor da confecção, provavelmente pelo aumento de atividades no setor informal.

Enquanto nas grandes empresas houve 50% de demissões desde 1995, o número total de empregos aumentou devido à criação de novas empresas de pequeno e médio porte. Enquanto as empresas com menos de 50 empregados empregam 31%, as 5 maiores empresas têxteis e do vestuário com mais de 1.000 empregados ocupam somente 27% de todos os empregados das indústrias de Blumenau (dados segundo: SIGAD 2006; FIESC 2006).

A crise da indústria têxtil e de vestuário, causada sobretudo pela abertura do mercado brasileiro e pelas influências da globalização, representa um fator de insegurança para Blumenau. É válida portanto, a tentativa de obter sucesso nos mercados dos EUA e da Europa, juntando produção de qualidade (moda, vestuário de lazer, atalhados), certificados de produção - que aumentaram muito nos últimos anos - e selos de proteção ao meio ambiente. Para melhorar a venda, alguns produtores abriram uma série de lojas no país e no exterior - uma inclusive na Arábia Saudita - no sistema de *franchising* com venda exclusiva dos próprios produtos. A linha de produção é direcionada para todos os níveis sociais e diferentes idades, sendo a linha infante-juvenil a mais forte. Registra-se um bom desenvolvimento na indústria de *software* em Blumenau (Bercovich/Schwanke 2003) que está sendo reforçada por novos investidores. Até julho de 2006, Blumenau aumentou sua participação nos empregos da indústria para 45%, considerando toda a população ativa. Com uma quota de 79,7% da população acima do nível de pobreza e um IDH de 0,860 (SEBRAE 2005), Blumenau ocupa o quinto lugar em Santa Catarina e o vigésimo no Brasil.

Em comparação com outras regiões do Brasil e por apresentar uma boa infraestrutura e poucas tensões sociais, Blumenau conseguiu manter sua posição sólida como centro industrial, indo de encontro às influências negativas da globalização junto

ao mercado de trabalho com medidas de reestruturação e adaptação às realidades globais.

No Vale do Itajaí foram instaladas algumas entidades oficiais como o Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí (1998), a Região Metropolitana do Meio Vale do Itajaí (MVI), em 1999, como também o Fórum de Desenvolvimento Regional do MVI, uma organização não governamental, contribuindo para o debate do padrão do desenvolvimento regional. Essas entidades (Theis et al. 2000) tratam dos problemas existentes com a ajuda do corpo docente da Universidade Regional de Blumenau (FURB), p.ex., das enchentes (Frank 1999) ou da solução do fornecimento regional de energia no âmbito do planejamento regional, de maneira sócio-econômica sustentável (Theis 2000) e representam amplos segmentos da população regional.

A produção nacional da indústria têxtil e de vestuário é prejudicada pela importação de produtos baratos da China que, mesmo com as taxas alfandegárias mais elevadas impostas recentemente, continua com seus produtos oferecidos ilegalmente no mercado brasileiro. O porto de Itajaí, outrora „um porto da madeira" transformou-se em porto de *containers*, com pouco espaço para o escoamento da produção. A ampliação do porto no município de Navegantes, do outro lado do rio Itajaí, no município homônimo, terá melhor estrutura e será de grande importância para Blumenau e sua hinterlândia.

Pomerode – uma das pequenas cidades nos arredores de Blumenau, com 25.000 habitantes, tornou-se um centro industrial diversificado, com concentração maior da indústria de vestuário, mas, com importante indústria mecânica, de bombas, materiais plásticos e de brinquedos, além da tradicional manufatura de porcelanas.

Exemplos para a prosperidade da cidade são certamente a implementação de filial de uma empresa alemã e a transferência de empreendimento alemão de São Paulo para Pomerode, na qual as tradições culturais alemãs - também o idioma - são mantidos conscientemente, fazendo com que os interessantes arredores do município e a natureza sejam atrações para o turista nacional e estrangeiro.

Na implementação de novos estabelecimentos, empregados com raízes locais apresentam aspecto muito favorável nas opções dos empresários, bem como as estradas de fácil acesso, o bom clima empresarial – sem tensões sociais, a criminalidade quase nula e a alta qualidade de vida do lugar.

Brusque, com 82.000 habitantes em 2005, manteve uma longa tradição na indústria têxtil formando um *cluster* nos ramos têxtil e de vestuário juntamente com Blumenau. Apesar de todos os problemas estruturais, 72% dos empregados na indústria da cidade são absorvidos por este ramo industrial. Brusque foi bem sucedida na tentativa de melhorar sua posição econômica com a venda de têxteis merecendo o *slogan* de "capital da pronta entrega do Brasil" - fato interessante para compradores de outras regiões. Um aspecto já próprio de Brusque é, portanto, o turismo de compras: muitos turistas vão a Brusque de ônibus como "sacoleiros" para a compra de têxteis e produtos de confecção e a posterior revenda em suas cidades. Devido aos crescentes problemas no ramo, já se mostram em Brusque tendências de diversificação, como, por exemplo, no ramo metalúrgico e elétrico-mecânico que,

devido à sua tradição no atendimento ao maquinário das fábricas locais, continuamente vem crescendo e assumindo importância.

Joinville, com 0,5 milhões de habitantes é hoje a maior cidade e a de maior importância econômica do Estado de Santa Catarina. Na concorrência regional, Joinville não somente está à frente de Blumenau no que se refere ao número de empregados na indústria (Joinville 2004: 57.725; Blumenau: 37.339) mas, também, na diferenciação dos ramos, industriais, na abertura ao capital não-regional e estrangeiro e na dinâmica de desenvolvimento. Até os anos 60 e devido a sua localização relativamente isolada, Joinville ocupava uma posição desfavorável em relação a Blumenau, quando ainda não existiam estradas asfaltadas ligando a cidade a Curitiba e ao porto de São Francisco do Sul. Blumenau, nessa época, já usufruía das vantagens de ser o centro do eixo de desenvolvimento composto pela vasta hinterlândia do Vale do Itajaí dispondo de ligação por estrada asfaltada, com o porto de Itajaí. No entanto, a indústria em Joinville já detinha estrutura mais fortemente diversificada.

Hoje em dia este fato se mostra como grande vantagem, existindo, em Joinville, uma atividade industrial abrangente nos setores metalúrgico, mecânico, de material de transporte, têxtil e de vestuário, como também da indústria química e de materiais plásticos. Uma fundição que produz para a indústria automobilística, fábricas de geladeiras, compressores, tubos de plástico e conexões são líderes em suas especialidades na América Latina, em parte contando com capital estrangeiro e impulsos internacionais.

A indústria de Joinville que, até os anos 60 e por motivos topográficos, estava fortemente concentrada no centro urbano (Kohlhepp 1968), aproveitou as oportunidades de expansão espacial na periferia da cidade (Boa Vista e Perini Business Park) e nos municípios adjacentes, onde recentemente foram implementadas grandes empresas, entre outras, uma empresa de laminados em São Francisco do Sul. O porto natural de São Francisco do Sul, fortemente expandido nos últimos anos, a boa ligação rodoviária para Curitiba e para o sul do Estado, como também uma ligação ferroviária - prestes a ser ampliada para o Planalto, mais o aeroporto, apresentam hoje uma boa infra-estrutura de transportes no município.

A localização estratégica de Joinville e sua indústria metalúrgica melhoraram muito pelo forte desenvolvimento da indústria automobilística em Curitiba, distante 130 km, mesmo considerando a perda, para Juiz de Fora (localização menos favorável) da implementação de uma das grandes indústrias automobilísticas, pela oferta de subvenções estatais do Estado de Minas Gerais. Hoje existem em Joinville, 52 empresas de fornecimento de acessórios para a indústria automobilística de São Paulo e Curitiba.

Devido à grande oferta de empregos nas últimas décadas, a cidade de Joinville presenciou grande migração de descendentes de imigrantes italianos do sul do Estado e do Paraná. Em 1965 Joinville tinha somente 65.000 habitantes, sendo que o enorme crescimento dos últimos anos causou grandes problemas de desenvolvimento urbano e de moradia.

Jaraguá do Sul estabeleceu-se como a terceira cidade industrial de Santa Catarina, com 29.000 empregados na indústria de vestuário, de motores elétricos e

de alimentação, entre outras. O desenvolvimento industrial desta cidade é uma história de sucesso. Jaraguá do Sul, que no ano de 1960 apresentava apenas 4.400 habitantes, é hoje uma cidade de tamanho médio com 120.000 habitantes. Devido à forte migração para os grandes centros vizinhos de Joinville e Blumenau, a cidade desenvolveu muito rapidamente um perfil industrial próprio, a partir da segunda metade dos anos 60. Já há 40 anos atrás podia ser constatado que Jaraguá do Sul possuía "uma maior diversificação industrial" em estabelecimentos de pequeno e médio porte – "oferecendo base sólida e eficiente para um futuro desenvolvimento" (Kohlhepp 1968, pg. 320). Isto se concretizou de forma especial mantendo continuidade até os dias de hoje.

Os estabelecimentos industriais, como por exemplo, o maior produtor de motores elétricos da América Latina com sete fábricas no Brasil e cinco no exterior, inclusive uma na China, com um total de 14.000 empregados e com um volume de vendas de 1 bilhão de Euros, como também outras grandes empresas do setor do vestuário estão enraizadas na cidade. Muitas instituições e associações sociais e culturais são mantidas e patrocinadas pela indústria. A implementação de uma pequena e dinâmica universidade mostrou novos impulsos no setor da educação. A qualidade de vida em Jaraguá do Sul é exemplar, sendo que o IDH é um dos maiores de todo o Estado de Santa Catarina. O BIP per capita de Jaraguá do Sul com 20.500 R\$ (2003) é muito maior do que o de Joinville (13.150 R\$) e o de Blumenau (12.500 R\$), e ultrapassa o índice médio de Santa Catarina, que ocupa o quinto lugar de todos os Estados do Brasil, com o dobro de valor. A forte migração a ser integrada é uma das consequências de um mercado de trabalho receptor e diferenciado com condições de vida favoráveis.

No nordeste do Planalto de Santa Catarina, mais precisamente em **São Bento do Sul** (70.000 habitantes) e Rio Negrinho desenvolveram-se dois importantes *clusters* e centros industriais nos ramos mobiliário e madeireiro, baseados nas raízes tradicionais dos descendentes de imigrantes da região do Böhmerwald, no sudeste da Alemanha. Não obstante, São Bento do Sul já apresenta tendências de diversificação dos ramos industriais. Nos anos 90 as exportações de São Bento do Sul aumentaram muito, correspondendo, em 1997, à metade das exportações de mobiliário de todo o Brasil. Devido à concorrência do leste europeu e à asiática, surgiram problemas quanto à posição dos produtos de São Bento do Sul no complicado mercado da Europa Ocidental.

Segundo Meyer-Stamer (2003), o problema principal está na rivalidade dos empresários e na falta de conhecimento da situação específica de mercado. Somente esforços comuns dos atores na indústria, no setor da inovação de *design* e eficiência de vendas conseguirão manter a capacidade de concorrência internacional. No entanto, a microrregião de São Bento do Sul ocupa ainda hoje o quarto lugar em exportação no Estado da Santa Catarina, depois de Joinville, Blumenau e Jaraguá do Sul.

Considerações finais

As tendências de globalização são hoje um componente imanente do desenvolvimento regional e do modelo reorganizado das ações dos atores regionais. Regionalização é entendida como um processo de integração territorial num espaço relativamente pequeno com entrelaçamento de atividades, ligado à revalorização de qualidades regionais específicas.

O sucesso de uma região depende do desenvolvimento econômico através de entrelaçamento e interações entre empresas, trabalho conjunto sem preconceitos e relações cooperativas com instituições locais. A formação da identidade regional é baseada num potencial de desenvolvimento endógeno e especificamente regional mas, depende do funcionamento das relações de confiança entre os atores regionais. Esta identidade regional expressa-se também através de um patriotismo sadio, econômico local e regional, através da consciência regional abrangente que se transforma em sucesso comum - um *marketing* regional com garantia de qualidade regional - aumentando a capacidade de concorrência a nível nacional e internacional.

Fatores econômicos e sócio-culturais interagem mais fortemente a nível regional do que era conhecido até então. Apesar de todas as influências da globalização, esses fatores produzem "milieus" regionais específicos devido às estratégias de flexibilização das empresas e aos mecanismos de reação adaptados pelos atores envolvidos. "O "milieu de produção" explica o cunho "econômico-cultural" da região no sentido de convicções históricas enraizadas e de orientação de valores dos atores econômicos, regras tradicionais de concorrência e de cooperação como também uma certa "cultura técnica" (Krätke 1995, pp. 216/217). É o caso típico no nordeste de Santa Catarina, sendo que disposição mais forte para cooperação e confiança mútua têm que superar completamente o pensamento negativo de concorrência e de individualismo. A delimitação etnocêntrica das regiões de colonização de imigrantes europeus na fase pioneira devido às práticas de colonização dos atores estatais e privados em Santa Catarina foi superada pelo surgimento de um novo sentimento nacional brasileiro entre os descendentes de imigrantes e como resultado da mistura causada pela migração interna da população. Dessa forma, a "situação de ilha" pertence ao passado, tendo surgido uma nova identidade regional - um "novo regionalismo" (Mlinar 1992), no qual o território é o fundamento das interações sociais (Giddens 1988). A identidade regional no nordeste de Santa Catarina se distingue claramente de outras regiões brasileiras (Nordeste, Norte, etc) no que se refere às tradições culturais, à maneira de viver, ao estilo econômico regional e à orientação de objetivos para o desenvolvimento regional.

Cunha (2007) ressalta, com toda razão, que o desenvolvimento industrial em Santa Catarina é alicerçado sobre quatro fundamentos: "extraordinária capacidade empreendedora, dominância do controle do capital de empresas por catarinenses, boa estrutura produtiva, associada a uma peculiar distribuição territorial da produção da indústria, baseada em competências regionais e uma ímpar capacidade de adequação da mão-de-obra às lides industriais". Mas a passagem da economia fordista para a "economia de conhecimento" estremeceu a base conquistada. Na concorrência global, as qualidades tradicionais têm que ser complementadas por novas qualificações.

A reestruturação produtiva do complexo têxtil e do vestuário (Silva 2004, Siebert 2006) com a participação importante de micro e pequenos estabelecimentos (Theis/Schmoeller 2005) provou que o nordeste de Santa Catarina tem a capacidade de enfrentar positivamente os desafios da globalização. Só que, neste contexto seriam necessários fomentos econômicos municipais e estaduais, assim como facilidades administrativas, p.ex., as alfandegárias e uma política industrial coerente a nível estadual e nacional.

Através dessas medidas poderiam ser amenizadas as desvantagens da concorrência como: a taxa de câmbio do Real, cuja forte posição em relação ao dólar americano aumentou muito nos últimos anos – com desvantagem para a exportação; os juros altos e as contribuições previdenciárias consideráveis.

A crescente diversificação industrial e a forte presença da indústria de *software* pode contribuir decisivamente para a diminuição da vulnerabilidade da indústria catarinense. Estruturas locais e regionais específicas com nós e *clusters* industriais poderiam ser conectadas com êxito com os níveis nacionais e globais. Para os atores com poder decisório e de conhecimento específico, investimentos maiores para aperfeiçoamento, redes de contato, estruturas de mercado e educação altamente qualificada em um mundo global serão cada vez mais importantes.

A região do nordeste de Santa Catarina, comparada às demais regiões do Brasil conta com a vantagem de ter poucos conflitos sociais. A consciência regional pode se impor tendo por base o selo da qualidade "Santa Catarina" de sua produção, numa forte posição econômica-industrial no mercado nacional e mundial. Apesar de todas as influências da globalização e da conseqüente necessidade de reestruturação e adaptação se comparada com as disparidades regionais brasileiras, a indústria do nordeste de Santa Catarina conseguiu manter em grande parte e até hoje sua identidade, historicamente justificada e claramente definida e fundamentada nos valores sociais, sócio-culturais e econômicos regionais.

Anotações:

1) De 2000 a 2007 o autor e a colega Maria Luiza Renaux (FURB, Fundação Universidade Regional de Blumenau) realizaram inúmeras entrevistas com empresários, sindicatos profissionais, associações de indústria e comércio, administrações públicas, instituições estaduais, universidades regionais e associações recreativas, bem como com atores em todos os níveis profissionais. Nas empresas foram realizadas 72 entrevistas (vide: Kohlhepp & Renaux 2007 a,b).

2) Agradecimento especial é dedicado ao Engenheiro Hans Prayon, Blumenau, que, com seu conhecimento específico, contatos regionais e arranjos logísticos apoiou e acompanhou incansavelmente todos os trabalhos de pesquisa.

**Tab. 1: Perfil da indústria do Nordeste Catarinense
1961 e 2004**

Indústria*	Estabeleci- mentos 1961 %	Estabele- cimentos 2004 %	Empregados 1961 %	Empregados 2004 %
Produtos minerias não metálicos	62 8,2	308 5,3	2.479 6,8	7.083 3,0
Metalúrgica	42 5,6	615 10,6	4.284 11,9	26.348 11,0
Mecânica Material de transporte	} 31 4,1	341 5,9 77 1,3	}1.315 3,6	22.580 9,5 7.387 3,1
Material elétrico e de comunicações	6 0,8	85 1,5	448 1,2	11.930 5,0
Madeira e mobiliário	192 25,50	778 13,4	5.588 15,4	21.669 9,1
Papel, papelão, editorial e gráfica	37 4,9	244 4,2	1.434 3,9	7.131 3,0
Couros, peles, bor- racha, calçados e div.	8 1,0	173 3,0	226 0,6	4.703 2,0
Química, farmacêutica	37 4,9	401 6,9	845 2,4	15.840 6,6
Têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	116 15,4	2.238 38,5	13.859 38,5	95.464 40,0
Produtos alimentícios, bebidas	202 26,8	548 9,4	3.810 10,6	18.501 7,7
Outros	19 2,8	--	1.852 5,1	--
Total	752 100,0	5.808 100,0	36.140 100,0	238.636 100,0

.sodagerpme siam uo 5 moc sotnemicelbatsE *

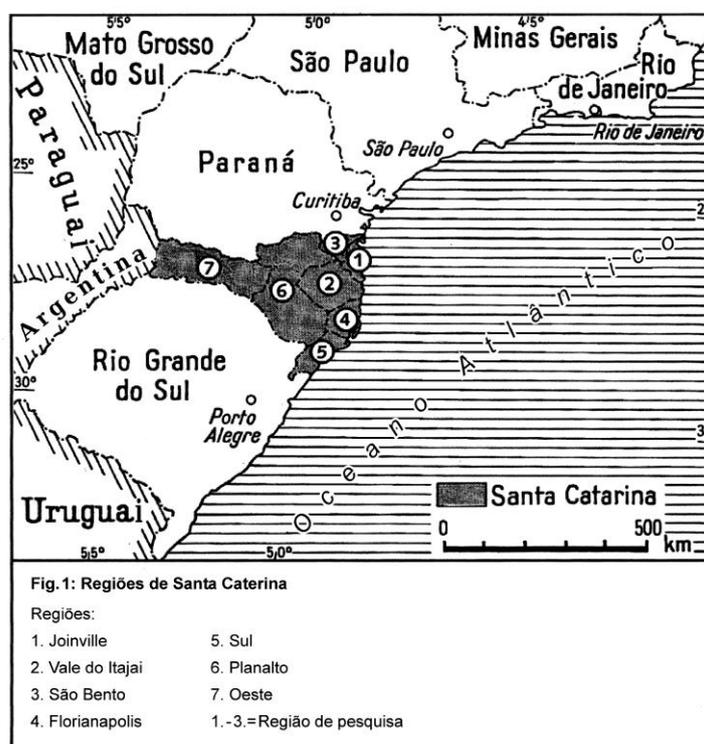
Fontes: 1961: DEE 1964 (dados de 31.12.1961); cálculos próprios (G.K.) em: Kohlhepp 1968, Tab. 4, pg. 13 2004: FIESC 2006 e cálculos próprios (G.K.)

Tab. 2: População e empregados da indústria nas regiões de Santa Catarina 2004

Microrregião/ (Região)	% da população de Santa Catarina*	% dos empregados da indústria de S. C.**	Empregados da indústria
Blumenau (2)	10,4 %	21,4 %	102.194
Joinville (1)	13,2 %	20,2 %	96.124
São Bento do Sul (3)	2,2 %	5,0 %	23.746
Rio do Sul (2)	3,2 %	4,7 %	22.347
Itajaí (2)	8,3 %	3,5 %	16.564
Ituporanga (2)	0,9 %	0,6 %	2.923
Nordeste	38,2 %	55,4 %	263.898
Oeste (7)	19,7 %	18,7 %	89.556
Sul (5)	15,2 %	13,4 %	63.613
Planalto Central (6)	11,2 %	6,9 %	33.194
Florianópolis (4)	15,7 %	5,6 %	27.741
Santa Catarina	100,0 %	100,0 %	478.002

* População: 2005 (estimativa)
(1-7: vide Fig.1)

** empregados da indústria: 2004
Fonte: FIESC 2006 e cálculos próprios
(G.K.)



Bibliografia

Bercovich, Néstor / Schwanke, Charles (2003), *Cooperação e competitividade na indústria de software de Blumenau*. CEPAL. Santiago de Chile.

BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento Econômico) (2006), *Coletânea de estudos sobre os aglomerados e cadeias produtivas em Santa Catarina 1997-2006*. Florianópolis (CD-R).

Cunha, Idaulo (1981), *Evolução econômico-industrial de Santa Catarina*. Florianópolis.

Cunha, Idaulo (1997), *A indústria catarinense rumo ao novo milênio. Desafios, evolução e oportunidades*. Florianópolis.

Cunha, Idaulo (2007), "Santa Catarina no século XXI: entraves, desafios e titubeios diante do novo modelo econômico global", in: *O Economista* 8 (61).

DEE (Departamento Estadual de Estatística) (1964), *Produção Industrial 1961. Estado de Santa Catarina*. Florianópolis.

FIESC (Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina) (2000), *Uma história voltada para a indústria catarinense*. Florianópolis.

FIESC (2006), *Santa Catarina em dados*. Florianópolis. (www.fiescnet.com.br).

Frank, Beate (1999), "Uma abordagem para a gestão ambiental da Bacia do Rio Itajaí, com ênfase ao problema das cheias", in: *Revista de Estudos Ambientais* 1 (1), pp. 5-18.

Giddens, Anthony (1988), *The constitution of society. Outline of the theory of structuration*. Cambridge.

Hering, Maria Luiza Renaux (1987), *Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento*. Blumenau.

Kohlhepp, Gerd (1968), *Industriegeographie des nordöstlichen Santa Catarina (Südbrasilien). Ein Beitrag zur Geographie eines deutschbrasilianischen Siedlungsgebietes*. Heidelberger Geographische Arbeiten 21. Heidelberg.

Kohlhepp, Gerd (1971), "Standortbedingungen und räumliche Ordnung der Industrie im brasilianischen Santa Catarina", in: *Geographische Rundschau* 23 (1), pp. 10-23.

Kohlhepp, Gerd (1975/76), "Die Bedeutung des Beitrags der deutsch-brasilianischen Bevölkerung zur Siedlungs- und Wirtschaftsentwicklung Südbrasilien", in: *Staden-Jahrbuch* 23/24, pp. 77-94.

Kohlhepp, Gerd & Renaux, Maria Luiza (2007a), "Desenvolvimento industrial e identidade regional nos tempos da globalização: Blumenau e o Nordeste de Santa Catarina", in: *Blumenau em Cadernos*, XLVIII (11/12), pp. 1-27.

Kohlhepp, Gerd & Renaux, Maria Luiza (2007b), "Regionale Identität und industrielle Entwicklung in Nordost-Santa Catarina in Zeiten der Globalisierung", in: *Martius-Staden-Jahrbuch* 54, pp. 321-338.

Krätke, Stefan (1995), "Globalisierung und Regionalisierung", in: *Geographische Zeitschrift* 83 (3/4), pp. 207-221.

Mamigonian, Armen (1965), "Estudo geográfico das indústrias de Blumenau", in: *Revista Brasileira de Geografia* 27 (3), pp. 389-478.

Meyer-Stamer, Jörg et al. (1996), *Industrielle Netzwerke und Wettbewerbsfähigkeit. Das Beispiel Santa Catarina/Brasilien*. Deutsches Institut für Entwicklungspolitik. Berlin.

Meyer-Stamer, Jörg (2003), "Die Herausforderung der wissensbasierten Entwicklung. Perspektiven von Strukturwandel und Wettbewerbsfähigkeit in Brasilien", in: Kohlhepp Gerd (ed.): *Brasilien. Entwicklungsland oder tropische Großmacht des 21. Jahrhunderts?* Tübingen, pp. 127-151.

Mlinar, Z. (ed.) (1992), *Globalization and territorial identities*. Aldershot.

Noticenter (2007), www.noticenter.com.br Blumenau.

Prefeitura Municipal de Blumenau (2006), *Blumenau: uma cidade de oportunidades*. Blumenau.

Renaux, Maria Luiza (1995), *O outro lado da história: O papel da mulher no Vale do Itajaí*, Blumenau.

SEBRAE (2005), *Blumenau em números*. Blumenau.

Siebert, Claudia (org.) (2001), *Desenvolvimento regional em Santa Catarina*. Blumenau.

Siebert, Claudia (2006), *Indústria e Estado: A reestruturação produtiva e o reordenamento territorial do Médio Vale do Itajaí*. Florianópolis (CD-R).

SIGAD (2006), *Diagnóstico sócio-econômico: Blumenau*. Blumenau.

Silva, Marcos Aurélio da (2004), "Reestruturação industrial na zona de colonização alemã catarinense: o caso do complexo têxtil", in: *Geosul* 19 (37), pp. 67-93.

Theis, Ivo (2000): *Entwicklung und Energie in Südbrasilien. Eine wirtschaftsgeographische Analyse des Energiesystems des Itajaí-Tals in Santa Catarina*. Tübinger Beiträge zur Geographischen Lateinamerika-Forschung 19. Tübingen.

Theis, Ivo et al. (2001): "Globalização e planejamento do desenvolvimento regional: o caso do Vale do Itajaí", in: Siebert, Claudia (org.) (2001), *Desenvolvimento regional em Santa Catarina*, pp. 213-244.

Theis, Ivo & Schmoeller, Nazareno L. (2005), *O "território" do pequeno capital industrial no Sul do Brasil: A distribuição regional das MPE em Santa Catarina*. Textos para Discussão NPDR 01/2005. Blumenau.